A Venezuela no Tempo Presente e o debate conceitual entre análise do discurso político, as concepções de Revolução e o conceito Revolucionário para Hugo Chávez.

Maria Cllara Barbieri Farinha Marrafa[I]

Resumo: O objetivo do trabalho é iniciar traçando um panorama sobre a Venezuela nos últimos trinta anos, com foco para os impactos após a inserção das medidas neoliberais, como foi a reação da população e como ocorreram as manifestações populares contra o pacote de medidas neoliberais. Na segunda parte, o objetivo é traçar um debate teórico-metodológico acerca das concepções da análise do discurso político, pontuando as ferramentas necessárias para a construção e análise. No terceiro ponto, o objetivo será formular o debate teórico a respeito do conceito de Revolução, e suas variações ao longo da história. Por fim, utilizar todos esses pontos para analisar os discursos de Hugo Chávez, e buscar compreender suas concepções a respeito do processo revolucionário do processo da Revolução Bolivariana.

Palavras-chave: Venezuela; Análise de Discurso; Revolução; Hugo Chávez.

Venezuela in the Present Time and the conceptual debate between the political discourse analysis, the conceptions of Revolution and the Revolutionary concept for Hugo Chávez

Abstract: The aim of this article is to start by drawing an overview of Venezuela in the last thirty years, focusing on the impacts after the insertion of neoliberal measures, approaching how the population reacted and how the popular demonstrations against the package of neoliberal measures occurred. In the second part, the objective is to trace a theoretical-methodological debate about the conceptions of political discourse analysis, pointing out the necessary tools for its construction and analysis. In the third point, the intent will be to formulate the theoretical debate about the concept of Revolution, and its variations throughout history. Finally, use all these points to analyze Hugo Chávez's speeches, and seek to understand his conceptions regarding the revolutionary process and the process of the Bolivarian Revolution.

Keywords: Venezuela; Discourse Analysis; Revolution; Hugo Chávez.

A VENEZUELA NO TEMPO PRESENTE E O DEBATE CONCEITUAL ENTRE ANÁLISE DO DISCURSO POLÍTICO, AS CONCEPÇÕES DE REVOLUÇÃO E O CONCEITO REVOLUCIONÁRIO PARA HUGO CHÁVEZ.

MARIA CLLARA BARBIERI FARINHA MARRAFA

Considerações iniciais: uma breve síntese da história do tempo presente venezuelana- Do Caracazo ao fim da Era Chávez.

A disseminação da agenda neoliberal e a implementação de suas principais medidas nos últimos trinta anos impactaram a estrutura socioeconômica vigente em diversos países latinos. É possível pensar em personagens principais para a expansão desse sistema no mundo; na China com Deng Xiaoping, que vai contribuir para a abertura chinesa ao capital estrangeiro; nos Estados Unidos com Reagan e na Inglaterra com Margareth Tatcher. Verdadeiramente, o regime se expande e amadurece mais precisamente com o fim da Guerra Fria na década de 1990 principalmente após o consenso de Washington.

Após as crises do petróleo na década de 1970, mais precisamente a segunda crise do petróleo em 1979, houve uma aceleração das transformações no capitalismo. Pois o próprio setor financeiro internacional contribui para o aumento da dívida externa dos países latino-americanos, uma vez que ofertam um número significativo de crédito para esses países com baixas taxas de juros, que, como precisam de dinheiro, pegam empréstimos. Todavia, com a chegada da crise, começam a aumentar os juros para ceder novos empréstimos e os países começam a se ver envoltos em uma "bola de neve" para pagar as dívidas.

> Deve também estabelecer as estruturas e funções militares, de defesa, da polícia e legais requeridas para garantir direitos de propriedade individuais e para assegurar, se necessário pela força, o funcionamento apropriado dos mercados. Além disso, se não existirem mercados (em áreas como a terra, a água, a instrução, o cuidado de saúde, a segurança social ou a poluição ambiental), estes devem ser criados, se necessário pela ação do Estado. Mas o Estado não deve aventurar-se para além dessas tarefas. As intervenções do Estado nos mercados (uma vez criados) devem ser mantidas num nível mínimo, porque, de acordo com a teoria, o Estado possivelmente não possui informações suficientes para entender devidamente os sinais do mercado (preços) e porque poderosos grupos de interesse vão inevitavelmente distorcer e viciar as intervenções do Estado (particularmente nas democracias) em seu próprio benefício.[II]

Na percepção do geógrafo David Harvey[III], o neoliberalismo é uma teoria político-econômica que tem como proposta o bem-estar do ser humano, e que este pode ser proporcionado quando liberadas as diversas formas de empreendedorismo individual, e a garantia à propriedade privada, e ao livre comércio. Nesse sistema, o papel do Estado é garantir a manutenção dessas práticas, além da integridade financeira, e a proteção militar, que irá assegurar o direito à propriedade privada, e o funcionamento e fluxo adequados do mercado. Todavia, na crença neoliberal, o Estado não deve intervir para além dessas questões; uma vez regulado, sua intervenção no mercado deve ser mínima. Ainda segundo Harvey, o sistema neoliberal dará ênfase à significação das relações de contrato no mercado. Dessa forma, sustenta a ideia de que o bem social é potencializado para ampliar o alcance e a regularidade das transações de mercado, procurando encaixar todas as ações dos indivíduos no domínio do mercado.

> O pressuposto de que as liberdades individuais são garantidas pela liberdade de mercado e de comércio é um elemento vital do pensamento neoliberal e há muito determina a atitude norte-americana para com o resto do mundo. O que os Estados Unidos evidentemente buscaram impor com mão pesada ao Iraque foi um tipo particular de aparelho de Estado **cuja missão fundamental foi criar condições favoráveis à acumulação lucrativa de capital pelos capitalistas domésticos e estrangeiros. Dou a esse tipo de aparelho de Estado o nome de Estado neoliberal. As liberdades que ele encarna refletem os interesses dos detentores de**

> **propriedade privada, dos negócios, das corporações multinacionais e do capital financeiro.**[IV]

Explícitos os principais mecanismos do sistema neoliberal, cabe agora entender como ocorreu sua implantação e de que forma suas medidas impactaram a região da América Latina, fazendo com que tivessem severas consequências socioeconômicas. Harvey aponta que a implantação do regime na região latino-americana começou em 1970, após o golpe de Pinochet no Chile, o golpe foi patrocinado por elites chilenas que temiam a tendência governamental de Allende ao socialismo, e foi apoiado também por organizações norte-americanas e pela *Central Intelligence Agency*- CIA. Logo após ser implantado, o golpe desestruturou os movimentos sociais e também as organizações de esquerda existentes, o mercado de trabalho também foi liberado de regulações sindicais, mas ainda existia a problemática da estagnação econômica.[V]

Para resolver a questão econômica que afetava o país, foi convocado um grupo de economistas conhecido como "The Chicago Boys", famosos por aderirem aos princípios econômicos de Milton Friedman, com o objetivo de reestruturar a economia chilena,

> Depois de o general Gustavo Leigh, rival de Pinochet para ocupar o poder, e keynesiano, ser afastado em 1975, Pinochet levou esses economistas para o governo, onde seu primeiro trabalho foi negociar empréstimos com o Fundo Monetário Internacional. Trabalhando em parceira com o FMI, reestruturaram a economia de acordo com suas teorias. Reverteram as nacionalizações e privatizaram os ativos públicos, liberaram os recursos naturais (pesca, extração de madeira etc..) à exploração privada e não-regulada (em muitos casos reprimindo brutalmente as reivindicações das populações indígenas), privatizaram a seguridade social e facilitaram os investimentos estrangeiros diretos e o comércio mais livre. O direito de companhias estrangeiras repatriarem lucros de suas operações chilenas foi garantido. O crescimento liderado pelas exportações passou a prevalecer sobre a substituição de importações. O único setor reservado ao Estado foi o recurso-chave, o cobre (mais ou menos como o petróleo no Iraque). Isso veio a ser crucial para a viabilidade orçamentária do Estado, já que as receitas do cobre fluíam exclusivamente para seus cofres. A imediata recuperação da economia chilena em termos de taxas de crescimento, de acumulação de capital e de elevadas taxas de retorno dos investimentos estrangeiros durou pouco. O caldo azedou quando da crise latino-americana da dívida em 1982. O resultado foi uma aplicação muito mais pragmática e menos dirigida ideologicamente de políticas neoliberais nos anos seguintes.[VI]

Em contrapartida, visando benefícios posteriores, foi organizado o Consenso de Washington, com uma agenda de medidas que na teoria eram para retirar os países da crise, dentre elas, corte de despesas públicas, controle da inflação e privatização de empresas estatais, abertura do mercado por meio de redução de tarifas aduaneiras e dos subsídios aos produtos nacionais e canalização das despesas sociais para os mais pobres, ou seja, como uma forma de acúmulo de capital, todavia concentrando renda e excluindo grande parte da população. Uma dessas medidas, que esteve presente nessa agenda neoliberal, foi o plano Brady, que de acordo com Bulmer-Thomas[VII], se tratava da reestruturação da dívida externa, ou seja, a ideia que os países latino-americanos poderiam renegociar a dívida, todavia os países deveriam aderir às medidas do Consenso de Washington.

Segundo Atílio Boron[VIII], essa ideia ilusória de falso reformismo do Consenso, patrocinada por indústrias capitalistas e midiáticas, só serviu para esconder tudo o que essa agenda de medidas iria causar para a região, pois a consequência segundo ele, foi um continente vulnerável, dependente, com democracia reduzida, devastado pela pobreza e desigualdade social. O autor classifica, ainda, que a América Latina padeceu o neoliberalismo, não como se fosse uma reforma positiva, mas como se fosse uma "involução social", e aponta que quase

todos os países da região, sofreram um aumento significativo e visível no número de desigualdade social e concentração de renda.

Boron faz uma crítica incisiva às privatizações; em seu ponto de vista, são medidas que permitiram que o capital estrangeiro comprasse a preço muito inferior empresas que estavam nos países há gerações. As privatizações serviram para aumentar os déficits nas políticas públicas estatais, e nos serviços governamentais prestados à população, onde pouco se importavam com o serviço, ou com os funcionários, apenas tinham interesse em mão-de-obra barata e pouco qualificada e acabavam oferecendo um serviço de alto custo e péssima qualidade, vide o acontecimento no Amapá, na primeira dezena de novembro de 2020, onde após um incêndio em um transformador a empresa privada espanhola de energia deixou o Estado quase em totalidade sem energia por cerca de 4 dias, até o momento (09/11), onde o problema não foi resolvido, e a empresa estatal Eletrobrás teve que intervir para ajudar a população[IX].

Nesse sentido, pensando na estrutura latino-americana, para Martins[X], o sistema neoliberal se articulará em duas etapas na América Latina perante a economia mundial: primeiramente nos anos 1980, quando os Estados Unidos da América (EUA), envolto em crise, recolhe para si os fundos econômicos mundiais e, segundo o autor, não oferece nenhum tipo de divisão das questões trabalhistas e nenhum tipo de projeto desenvolvimentista para a região latina; a segunda tem sua fase no início dos anos 1990, quando os EUA atingem uma de suas fases mais expansionistas e começam a estabelecer "um novo projeto de inserção internacional para a América Latina, condensado num conjunto de políticas públicas chamadas de Consenso de Washington"[XI]. O autor aponta que, a partir dos anos 1990, a região latino-americana muda seu desenho macroeconômico, pressionada pelas medidas impostas norte-americanas a antiga estrutura protecionista dá lugar à maior liberalização comercial e financeira; as crises econômicas em diversos países, como no México em 1995 e no Brasil em 1998, levam o câmbio fixo a se tornar câmbio flutuante, o que cria uma espécie de domínio no restante da década.

Em 1989, com a proposta de renegociar as dívidas decorrentes das décadas anteriores da América Latina e impulsionar desenvolvimento na região, foi organizado por economistas e grupos americanos o Consenso de Washington, o qual detinha uma série de medidas, que, segundo Atílio Boron, deixaram os países latino-americanos em grande situação de vulnerabilidade social,

> A abertura comercial, que supostamente seria correspondida por uma medida equivalente praticada pelos países capitalistas desenvolvidos, (...) com catastróficas consequências nos níveis de emprego de nossas sociedades. As privatizações consagraram a pilhagem legal do patrimônio público e sua transferência a grandes monopólios- Em muitos casos, empresas estatais das metrópoles imperialistas! – Que desse modo vão permanecer a preço vil, com empresas e recursos que os países que haviam acumulado ao longo de várias gerações. Por último, a desregulação financeira, exaltada pelo catecismo neoliberal como fonte segura de ingresso de capitais para a nossa região, converteu a maior parte das economias da América Latina e o Caribe em filiais desse gigantesco cassino mundial, que segundo Susan Strange é o Sistema financeiro internacional. [XII]

As medidas neoliberais foram implantadas em momentos diferentes em cada um dos países ao longo da década de 1990; todavia, na Venezuela, a resposta popular à agenda de medidas foi um tanto quanto peculiar e pode-se dizer que foi o princípio de uma série de respostas e participações do povo no país. Em 1989, a Venezuela experimentou um ciclo de rebeliões populares que foi o marco de uma nova era na história dos venezuelanos.

Maya[XIII] elucida que em fevereiro de 1989, já em seu segundo governo, Carlos Andrés Peréz aceita e começa a implantação de um pacote de reformas, subsidiadas pelo Fundo

Monetário Internacional (FMI), que muito desagradava e, até mesmo, prejudicava a população, o que não foi aceito muito bem. Após a implementação dessas medidas, em fevereiro de 1989, mais precisamente a partir do dia 27/02, começou uma rebelião popular contra a implementação das diretrizes presidenciais, com foco em Caracas. A revolta durou cerca de cinco dias, no restante da Venezuela um pouco menos, mas ainda sim em quase todas as grandes cidades do país houve presença de barricadas, bloqueio de vias, impedimento da circulação da população, apedrejamento de veículos, incêndios e saques a mercearias e mercados.

Segundo a autora, no fim de semana anterior ao início das revoltas, passou a ter vigência em toda Venezuela o aumento de 100% do preço da gasolina, em conjunto a isso o aumento das tarifas do transporte coletivo, ambas as medidas faziam parte do pacote de reforma do presidente Andrés Pérez. A população nada satisfeita, na manhã do dia 27, começou a tomar as ruas se rebelando contra a situação, estudantes universitários tomaram, com ajuda de trabalhadores que se uniram a causa, o Terminal Interurbano de Rotas de Novo Circo em Caracas[XIV], dificultando ainda mais a circulação da população, e a polícia, por sua vez, não estava preparada para tamanha mobilização não conseguiu de primeira controlar a rebelião.

Maya afirma que apenas no terceiro dia de revolta o ministro se dirigiu à população para alegar que não seria tolerado violência, porém não teve o mínimo efeito sobre a população; então Andrés Peréz se pronunciou decretando estado de sítio, toque de recolher e ainda retirada de direitos constitucionais. Com isso, a rebelião começou a perder cada vez mais força, até ser brutalmente reprimida pelo exército, que disparava contra a população em Caracas, e aos poucos em todo o país foi acontecendo o mesmo. Um ponto importante que se torna necessário elucidar é que, além da demora do governo para se posicionar perante a rebelião, seja na ausência de um posicionamento das autoridades federais, a autora aponta que no dia 27, quando estouraram as manifestações, estavam sendo realizadas atividade rotineiras, e nem ao menos se preocuparam, tanto que o primeiro pronunciamento aconteceu apenas no dia 28 na parte da tarde,[XV] ou mesmo da não intervenção da polícia. É possível notar também a falta de postura para negociar com a população e a opção por tomar diretamente medidas truculentas. Não foram tentadas nenhuma medida de acordo, negociação, nem nada do tipo entre governo e população insatisfeita.

É importante pontuar que não há números exatos da quantidade de vítimas do *Caracazo*; todavia, as informações disponíveis nas matérias do site do *Ministerio del Poder Popular para la Comunicación y la Informacíon* (MINCI) do Governo venezuelano são de cerca de trezentos mortos e mais de mil feridos, que constam as cifras oficiais, e assinalam ainda, que existem reportagens extraoficiais que apontam mais de dois mil mortos e milhares de feridos. O site do MINCI aborda ainda alguns indicadores econômicos, e relatam que a economia sofreu uma contração de 8,1% e a taxa de inflação alcançou 84,5% enquanto o índice de pobreza alcançou 62% da população, sendo 30% na pobreza absoluta.[XVI]

Pela visão de Schuster e Araujo[XVII], o Caracazo demonstrou, além da insatisfação com as medidas neoliberais que estavam sendo implantadas, a insatisfação extrema com a democracia representativa que vinha dominando o país desde 1959 com o Pacto de Punto Fijo onde quase que de uma forma bipartidária, onde mudava apenas os chefe de poder mas apenas os partidos Ação Democrática (AD) e Comitê de Organização Política Independente (COPEI) tinham acesso ao poder, a rebelião também foi uma demonstração do quanto a população já estava desgastada com o método que vinha sendo a governança, logo, é passível de afirmar que o fim do Punto Fijo começou com as manifestações do Caracazo. Segundo os autores, a forte insatisfação com o governo de Andrés Péres faz com que Chávez organize com seus aliados militares um golpe de Estado em fevereiro de 1992; todavia, o governo reagiu de forma brutal e foi suplantado cerca de 12 horas após seu início, Chávez é preso, e permanece preso até 1994.

É importante citar que ambos os eventos colaboraram para a fragmentação do pacto de Punto Fijo, para além do clima de antipolítica que pairou sobre a população que diminuiu veementemente a ida às urnas, mesmo o golpe tendo fracassado, Chávez ganha força política. Em 1993, Andrés Péres sofre Impeachment, seu vice Caldera assume e rege o país no período de 1994-1999; todavia, não consegue diminuir a crise social e econômica que a Venezuela estava vivendo.[XVIII]. E nas eleições de 1999, a figura de Chávez representava para parte da sociedade algo diferente daquilo que eles queriam combater, ou seja, uma grande parte do povo passa a ver na figura dele um contraponto a um modelo de democracia em crise, e como uma oportunidade de ruptura com o do *Puntofijismo*, e uma certa esperança em combater as políticas neoliberais que tanto castigavam a população.[XIX]. Uma prova desse fato é vista nas urnas, quando nas eleições ocorridas no final de 1998 Chávez tem uma implacável vitória com 52,6% dos votos, quebrando e pondo fim desde 1958 ao monopólio eleitoral baseado em dois partidos no país, dando espaço a uma era que enfim se preocuparia com os interesses do povo, e tem um plano de governo mais bem definido.[XX]

Depois de turbulentas eleições, Chávez assume, de acordo com Schuster e Araujo[XXI], eleito com apoio da frente ampla formada pelo polo patriótico, que reuniu diversos grupos políticos, como o Partido Comunista, o Movimento Eleitoral do Povo, o Partido de Chávez criado em 1997, diferentes grupos políticos com o objetivo do combate à miséria, à crise e principalmente às medidas neoliberais que assolavam a Venezuela depois dos últimos governos.[XXII]

As principais conquistas do processo Bolivariano de acordo com Lander[XXIII], para além da eleição da assembleia constitucional, que foi proposta por Chávez durante a campanha e tratada como ponto principal no governo, logo ao assumir a presidência, já chega ao poder decretando diversas leis favoráveis ao povo e à economia, no âmbito social pontos importantes como o acesso gratuito à educação e à saúde, passa a reconhecer de forma ampliada os direitos dos povos indígenas, inclusive toda a questão territorial, e a nível econômico, o autor aponta a democratização da propriedade, a superação do latifúndio contra a pesca de arrasto, e talvez a medida que mais tenha causado incomodo, a de maior controle estatal do petróleo.

As consequências dessas medidas são que em abril de 2002, Chávez sofre uma tentativa de golpe por parte dos EUA[XXIV] e fica afastado do poder por 2 dias; todavia, graças à ampla participação popular e, na visão de Lander, pela divisão das Forças Armadas que ocupam Miraflores, o golpe fracassa, logo, é possível perceber que a própria população reconhece os feitos do ex-presidente pelo povo e se coloca a favor do mesmo e contra o golpe. No final do mesmo ano, a PDVSA para de produzir petróleo, uma certa sabotagem dos empresários com o objetivo de derrubar Chávez do poder tirando sua maior fonte de exportação, e ainda sim, Chávez recebe massivo apoio populacional e de países estrangeiros como o Brasil, na época acontecimento muito noticiado pela mídia, que fazia a transição do governo Fernando Henrique Cardoso para governo Lula, e fez negociação facilitada com Chávez para o envio de navio com barris de petróleo, com o objetivo do país não ficar tão prejudicado. [XXV]

Segundo Schurster e Araujo[XXVI], os acontecimentos de 2002 e 2003 dividiram a sociedade venezuelana entre quem apoiava e quem não apoiava Chávez, sua figurava começava a criar raízes entre os movimentos sociais, a prova disso é que no referendo revogatório do final de 2004, Chávez saiu vitorioso, e, a partir desse momento, a consolidação do chavismo passou a aumentar cada vez mais no país, a partir de 2005 a oposição pratica uma espécie de boicote à eleição parlamentar e, em 2006, Chávez consegue de forma significativa a reeleição no país.

É importante fazer uma observação para entender o porquê do protagonismo da figura de Hugo Chávez na Venezuela, para além de uma liderança carismática que terá amplo diálogo com o povo e implementará políticas públicas de valorização do bem estar populacional, como

as próprias missões sociais que, de acordo com os autores Schuster e Araújo[XXVII], foram criadas para descentralizar as políticas públicas estatais fazendo com que as comunidades locais assumissem a execução, dando assim autonomia a essas comunidades, não só para a realização, mas também pois sabiam melhor do que ninguém o que precisavam, e foram políticas centrais do governo Chávez para atender demandas econômicas de comunidades carentes que não recebiam atenção governamental há anos[XXVIII], a forte valorização da população nativa, mas para além disso, ele traz consigo a retórica e a prática massiva antineoliberal e anti-imperialista, vai implementar ações com programas de governo nacional desenvolvimentista, trará para o povo o resgate das lutas de independência latino-americana, da memória de Bolívar e da aliança com outras presidências da América Latina.

Lander[XXIX] aponta ainda que as principais conquistas do processo bolivariano com Chávez foram além dos altos graus de politização produzidos no período e o aumento da disseminação da cultura política e popular através das políticas públicas, mas também o papel que o próprio país desempenhou na criação da ALBA que contribuiu para o fortalecimento da economia latino-americana. No período de 2000 até 2012, aumentaram o número de matrículas do primeiro e do segundo segmento nas escolas[XXX], o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) Venezuelano, subiu de 0,644 em 1990 para 0,677 em 2000, e depois, 0,764 em 2013, o que pode ser considerado um IDH "alto". [XXXI]Sendo que, de acordo com este documento do PNUD, o IDH é composto por 3 parâmetros: saúde, educação e renda, e cada um com suas variáveis específicas, ou seja, no período da Era Chávez, a população se desenvolveu significativamente em 3 aspectos importantes.

Debate teórico-metodológico acerca das concepções da análise do discurso político.

É necessário, antes de inserir o debate acerca do fenômeno social que são a prática dos discursos, caracterizá-lo de forma breve. É importante explicitar que não existe uma regra, porém, algumas características semelhantes são possíveis de observar, como na construção discursiva, ao longo da fala quem está pronunciando irá se opor a algum grupo para ratificar suas ideias e deixar claro seu lugar social, e sua fala é sempre voltada para os cidadãos, logo irá existir uma construção voltada para a cidadania, sempre com um diálogo entre razão e afetividade para que possa prender a atenção do público, como se o discurso fosse no formato de objetos, em que o público pudesse alcançar ao longo de seu desenvolvimento.

Nessa lógica, Charaudeau [XXXII]irá abordar a lógica de "interdependência recíproca" entre discurso e ação, são fenômenos que realizam auxílio mútuo em suas existências, porém não são regulares. Para o autor, toda atitude em que se expressa comunicação é uma forma de "agir sobre o outro" [XXXIII], isto é, que parte de um sujeito, e que o mesmo só consegue estipular uma relação com outros indivíduos por conta do seu princípio de alteridade, e geralmente esse sujeito se utiliza dessa posição para convencer outras pessoas a fazerem o que ele quer.

Ao logo da obra, Charaudeau [XXXIV]aponta algumas estratégias utilizadas nas construções dos discursos políticos para prender atenção do público e se desvencilhar de situações comprometedoras. Uma estratégia abordada e comumente utilizada é a "Estratégia do Vago" que consiste, como o próprio nome explica, utilizar um discurso vago, geralmente carregado de alguma promessa sem data para cumprir, na esperança de ganhar tempo para conseguir cumpri-la, ou na expectativa de que realmente ninguém lembre. Outro importante é "Estratégia da Razão suprema" [XXXV] e essa de fato chama atenção pois pode ser inibida por trás da desculpa de que não se disse nada, ou pior, se contou uma mentira, em nome do "bem geral

da nação", ou seja, a mesma pode ser utilizada facilmente em discursos políticos, pois seu objetivo na teoria é "proteger o estado".

Dessa forma, Moralez-López [XXXVI] traz em sua obra a abordagem de que uma das formas de apuração da análise de discurso é a construção de identificação ao longo das falas; logo, é preciso observar se o comunicador se preocupar em construir argumentações adequadas de acordo com o contexto global em que ele se situa, e se ele está utilizando de mecanismos retórico-discursivos para a construção de sua fala. Segundo o autor, é importantíssimo prestar atenção na relação discurso-prática social, pois a população que recebe o discurso está dividida em diversos grupos sociais, e para cada grupo será necessário o planejamento de um tipo de fala diferente, cada gênero, cada setor social, e, fora as diversas opções linguísticas que o comunicador poderá optar para cada grupo, será individual. Pensando em uma grande capital, em uma campanha política, o discurso político feito para um grande público de trabalhadores no centro da cidade não teria a mesma retórica, linguagem, mensagem e carga dramática, do que um discurso feito em uma reunião de negócios em um auditório fechado com grandes empreendedores.

Na visão do autor, na grande maioria dos discursos, é necessário ter um conhecimento prévio mais concreto acerca do público, como ocupação, ter uma prévia noção da rotina, o contexto social em que aquelas pessoas vivem, e não apenas para demonstrar o conhecimento local, mas para que aquelas pessoas se sintam conectadas ao discurso. Outra questão que ele aponta em sua obra, de caráter muito importante para as concepções de análise mais contemporâneas, apoiado em autores como Blommaert e Heller, ele fala da Sociolinguística crítica de forma muito breve, ao dizer que é necessário aprofundar os estudos de análise com estudos etnográficos, pois é preciso conhecer a linguagem de maneira significativa para seus falantes em cada contexto concreto, acredita-se que eles podem ser diferentes, pois na maioria dos estudos se identificam apenas as identidades presentes, todavia, cabe também a identificação das vozes ausentes.

Trazendo uma contribuição mais teórica para o debate, Maingueneau[XXXVII] aponta a importância da escola cultural francesa da década de 1960 não só para a formação das fortes concepções teóricas da análise do discurso, mas também para sua disseminação em sua visão, Maingueneau relata a importância de Antoine Culioli,[XXXVIII] aproveitou do privilégio que o país tinha da disposição para literatura francesa e elaborou a tese que a análise era uma forma de substituição da tradicional explicação dos textos escolares. O autor irá apontar, sob a perspectiva de Culioli, os analistas franceses por terem uma obsessão pela significação, isto é, segundo o autor, os métodos da escola francesa seria uma forma de aliviar os atrasos de reflexão sobre a linguagem até então ignorados. Cabe uma observação importante, nesse mesmo período na França, o desenvolvimento das ciências humanas estava em uma fase em que todo o seu material era produzido em texto, e também por uma abordagem estrutura, logo, na visão do autor, não iria tardar para a prática de análise de discurso surgir.

Em sua outra obra, Mainguenau[XXXIX] explicita que a análise de discurso se diferencia de outras disciplinas pois ela não atua em uma só área: os sociólogos trabalham na questão da comunicação e do diálogo entre a população, os linguistas atuam no estudo mais aprofundado da estrutura das línguas e dos textos, e os psicólogos atuam dando foco nas modalidades de conhecimento, logo, em sua visão, estudar essa disciplina não é de forma alguma separar espaços. Aponta ainda, que o discurso não é um território restrito, mas sim um espaço não delimitado entre dois pontos importantes, onde são construídos e desconstruídos vínculos entre o mundo e a linguagem proferida, e a rápida reprodução da noção de discurso aparece como o resultado de uma espécie de abertura do século XX, para os estudos e concepções da linguagem.[XL]

E ainda segundo o autor, se desenvolveu uma prática de estudos acerca de teoria do discurso, diferente da análise do discurso, a primeira, com aprofundamentos mais filosóficos, pós-estruturalistas e construtivistas, e questionamentos partindo dos pressupostos das ciências humanas e sociais, sobre o poder e outros fundamentos. Todavia, de acordo com Mainguenau [XLI], é necessário ressaltar que a orientação filosófica crítica está presente constantemente e desde os primórdios dos estudos sobre discurso.

Neste ponto, é necessário trazer o debate de cunho um pouco mais metodológico acerca da análise, e, de acordo com a visão de Charaudeau[XLII] , é importante se ater com muita atenção àqueles investigadores que irão fazer a análise desses discursos, principalmente quais serão os termos, as estratégias e os atores sociais envolvidos no processo, é importante cada estrutura e cada etapa da construção da postura e da fala do comunicador, isso inclui também seu posicionamento político, suas propostas e seu caráter argumentativo.

É essencial que o investigador nesse caso, não confunda análise crítica com denúncia, o autor afirma que para as ciências humanas o discurso de análise é normalmente crítico, pois se trata de uma avaliação teórico-metodológica a respeito de um material que está sendo investigado, já a denúncia depende de uma posição política, por fora do trabalho de análise, ou seja, que não está necessariamente envolvida com o trabalho do investigador, não é uma questão de neutralidade, apenas uma reflexão acerca dos objetivos e da própria metodologia do pesquisador.

> Cuando los sujetos que hablan son actores políticos, se observa que el término populista es empleado tanto por la derecha como por la izquierda para estigmatizar al partido adverso o para defenderse de la estigmatización adversa. Muchas veces para la derecha, la izquierda es populista porque manipula a las clases obreras y populares; para la izquierda, la derecha es populista porque manipula a las clases medias y populares (poco politizadas) con discursos que buscan generar la emoción más primitiva (el miedo). **Dicho de otro modo, en ambos casos, el populista es el otro, que para expresarse emplea una retórica simplista y essencialista.** [XLIII](grifo meu)[XLIV]

O que foi possível perceber é que não se pode estabelecer uma uniformidade na caracterização da análise dos discursos, pois cada composição é variável de acordo com o contexto político, social e o público vigente de cada época, porém, foi viável elucidar pontos que os pesquisadores precisam analisar e de comum estratégia metodológica para sua composição. De tal forma que, cabe e é indicado ao analista previamente ter conhecimento não só da figura, mas sim do seu objetivo, do público para qual está sendo discursado, do local e o período, para que assim possa ter uma melhor concepção e entendimento da troca e da fala proposta.

É possível também utilizar a análise de discurso para entender quais crenças políticas, qual a visão conceitual de uma determinada área temática e qual o posicionamento da figura política que está comunicando através da análise. O discurso político não revela apenas objetivos políticos, mas, como foi possível ver anteriormente, revela também propósitos e características pessoais dos comunicadores. Ao longo do trabalho, pretende-se trabalhar com a análise do discurso político do presidente Hugo Chávez, com o objetivo de traçar suas percepções conceituais e políticas não só através de suas narrativas, mas também dos feitos sociais narrados pelo mesmo enquanto presidente da Venezuela.

Debatendo conceitos sobre Revolução.

O debate teórico acerca da definição do conceito de Revolução não é recente na academia, pode vir próximo ao conceito de rebelião, por terem motivações muitas vezes próximas de retirar o governo vigente do poder e, por conta disso, acontecem algumas confusões com as terminologias. Todavia o debate histórico, sociológico, filosófico, e algumas vezes até mesmo jurídico que envolvem a construção do termo, do fenômeno como um todo, deixam claro que são acontecimentos com a construção do evento bastante distintos, com muitas vezes objetivos diferentes e consequências opostas para a sociedade.

Para Arendt[XLV], o conceito que a modernidade traz de Revolução é conectado à ideia de que história se inicia do novo, de que a partir daquele ponto, começará uma fase totalmente nova. Segundo ela, a motivação social passou a ter um caráter forte revolucionário a partir da era moderna, quando os homens começaram a se questionar se a pobreza era ou não inerente a questão humana, pois uma minoria havia conseguido se libertar, e uma maioria ainda estava condenada à miséria, e foi essa certeza que impulsionou as fagulhas pré-revolucionárias da Revolução Americana, a ideia de que a revolta dos pobres era um fator revolucionário, era um caráter novo para a comunidade europeia do século XVIII.

A percepção cirúrgica de Pasquino, exposta no Dicionário de Política, é que a Revolução é a investida que geralmente acompanha o uso da violência, de derrubar as autoridades que estão no governo e substituí-las, com o objetivo de causar grandes mudanças na estrutura política, econômica e social[XLVI]. O autor aponta ainda que Revolução se distingue de rebelião ou revolta, pois a segunda se limita geralmente em uma área restrita, e tem como objetivo demandas, geralmente políticas ou econômicas, que precisam ser resolvidas de forma muito urgente, logo, as rebeliões geralmente conseguem ser apaziguadas através de algumas concessões por parte das organizações de poder.

Acerca do polêmico debate entre Revolução e Golpe de Estado, torna-se necessário um breve apontamento das conceituações particulares de cada evento com o objetivo de desmistificar as diferenças e tornar claro que o cerne da Revolução é diferente, pois ainda nos dias de hoje causa confusão. Pasquino[XLVII] se faz necessário para entender que em um Golpe de Estado os objetivos centrais não são causar profundas mudanças socioeconômicas, na grande maioria das vezes é apenas mudar as autoridades vigentes, e realizar uma troca de poder, geralmente organizado por uma elite, de caráter militar, e as mudanças só prevalecem enquanto os mesmos estiverem no poder, ou seja, não causam grandes abalos nas estruturas sociais do país. Como exemplo, é possível citar o Golpe Militar de 1973 no Chile, que tinha por objetivo a tomada e o controle do poder pelos militares, que deu início a um período de ditadura, controle, violência e censura da população, todavia não foram medidas que perduraram nas estruturas sociais por mais que tenham deixado algumas sequelas. Diferente da Revolução Francesa de 1789, que causou impacto profundo nas estruturas sociais, mudou para sempre a organização política e econômica não só francesa, mas de todo o mundo, marcando o fim do Antigo Regime.

Ocorre todo um debate na historiografia como aponta Barbé[XLVIII] que, para chegar ao poder, os revolucionários aplicam um "Golpe de Estado" pois se utilizam de meios inconstitucionais para retirar o governante que está no poder; todavia, a concretização do processo revolucionário de fato só acontece com mudanças profundas e substanciais para a sociedade, que como será possível ver adiante, modificam as estruturas sociais e mudam o funcionamento e a dinâmica do local.

Torna-se necessário fazer uma observação à visão do autor Barbé[XLIX]quando aborda as ponderações jurídicas acerca dos dois eventos, visto que, como dito, ambos precisam romper

com o sistema vigente para tirar o governante do poder e assim instaurar uma nova forma de governo, logo para o meio jurídico, segundo o autor, não há diferenças; todavia, tendo em vista o caráter histórico e sociológico da abordagem, o processo Revolucionário é acompanhado por uma grande massa popular, que geralmente tem participação ativa no mesmo. Ainda que conceitos extremamente diferentes, explicitar a diferenciação de ambos se torna necessário tendo em vista que cenários de golpes, principalmente na América Latina, ainda são levantados e confundidos com grandes e importantes Revoluções da História.

É na famosa obra publicada de Lênin em 1917, Estado e Revolução, que o autor explicita as ideias mais fortes de Engels e Marx acerca os ideais Revolucionários, o posicionamento dos pensadores é claro, só pode haver a alteração da troca de poder da burguesia para o proletariado através de uma Revolução Violenta, por sua vez, a supressão do Estado só é possível pelo "definhamento", isto é, quando o mesmo passa a estar tão pouco presente nas relações sociais e na vida pública, que tornasse inútil, desta forma as pessoas e os meios de produção passam a administrar.

> "(...)sobre a necessidade da revolução violenta se refere ao Estado burguês. Este só pode, em geral, ceder lugar ao Estado proletário (ditadura do proletariado) por meio da revolução violenta e não por meio do "definhamento". A apologia que Engels faz da revolução violenta está plenamente de acordo com as numerosas declarações, altivas e categóricas, de Marx" [L]

É importante lembrar que, segundo o autor, a superação da burguesia e dos regimes de exploração só é possível pelo proletariado, que é a única classe que possui papel econômico de base nas grandes produções para se organizar na derrubada desse regime, porém esses operários precisam da consciência de classe adequada para terem ciência de que são explorados, e assim se mobilizarem em prol da revolução, como diz o autor "Educando o partido operário, o marxismo forma a vanguarda do proletariado, capaz de tomar o poder e de conduzir todo o povo ao socialismo"[LI].

Todavia, o autor demarca que Marx, na experiência revolucionária de 1848-1851, consegue perceber que não é possível que o proletariado consiga derrubar a burguesia sem ter chegado ao poder primeiro, sem ter se organizado internamente e dominar o cenário político, não só de forma numérica, mas principalmente de forma ideológica e estratégica. É preciso preparar e capacitar esses trabalhadores antes do processo revolucionário, pois eles precisam estar movidos em torno de um mesmo objetivo, e conscientes enquanto o fato de que o objetivo é derrubar o estado burguês e não ceder mecanismos para enfraquecê-lo que no fim acabam por deixá-lo mais forte.[LII]. É importante focalizar os principais pontos do conceito revolucionário para que seja possível desde cedo expor que sem unidade da população apoiando o processo, o mesmo não é possível.

"Se de fato a única coisa em jogo nas revoluções modernas era a transformação radical das condições sociais, então realmente se pode dizer que suas origens se encontram na descoberta da América e na colonização de um novo continente." [LIII]A autora salienta neste trecho um dos principais motivadores para a eclosão das revoluções, que de fato, será o norte para os principais movimentos revolucionários latino-americanos. Inclusive de Hugo Chávez, uma vez que a busca por melhoria nas condições de vida da sociedade, e quebra do regime vigente, regerá seus objetivos por todo o governo.

Dessa forma, entender as visões do conceito revolucionário se torna importante a fim de que seja possível identificar nos discursos e nas práticas dos presidentes, com enfoque em Hugo Chávez, o caráter revolucionário, e mais ainda, o que significava o sentido de Revolução para uma das figuras mais marcantes e polêmicas da história do país, e quais foram seus objetivos e planos de governo, suas intenções de aproximação com a população, e as medidas tomadas

perante o povo e implantadas através de seu partido, procurarão ser analisadas essas questões com apontamentos dos discursos chavistas, com enfoque para seu objetivo principal que era tornar o processo bolivariano com caráter Revolucionário.

O conceito Revolucionário aplicado nos discursos de Hugo Chávez *(Las Líneas de Chávez)*

Ao longo das análises feitas dos discursos de Hugo Chávez dispostos no anexo Las Líneas de Chávez do site do Partido Socialista Unido de Venezuela (PSUV), principalmente nas mudanças marcantes no ano de 2009, ao longo do processo eleitoral e antes da eleição de fevereiro e com os entornos da crise econômica mundial, foi possível observar a construção dos planos do ideal Revolucionário Bolivariano do presidente para o povo, através dos seus discursos e como constantemente Chavéz reforça a ideia de que só é possível atingir o ideal de liberdade, democracia e socialismo, através da Revolução.

Uma das características mais visíveis de identificar nos discursos de Chávez, principalmente no material que foi proposto para análise, é a maneira com que ele envolve momentos da sua vida pessoal, como conquistas do seu período como militar, e histórias da sua família, ao longo dos discursos, em uma tentativa de aproximar sua imagem com a população, e também causar certo apelo emocional e histórico, visto que participou (e proporcionou) momentos de grande marco para o país. Além disso, é muito comum, nos discursos, o presidente se utilizar da memória histórica como base para abordar questões que quer tratar no futuro, como abordar episódios revolucionários do passado, para incentivar o povo a participar das eleições. Um exemplo dessas questões, pode ser visto no discurso de 1 de março de 2009, intitulado *"27F: El Parto Revolucionário"* onde o presidente relata um pouco da sua experiência em relação ao movimento do Caracazo em 1989:

> (...) Esse domingo 26 de fevereiro, havíamos passado em casa, e nós, a família Chávez, andávamos felizes demais, pois depois de quinze anos saindo juntos, a negra Nancy e eu, estávamos com três crianças, Rosíta, María e Huguíto, havíamos conseguido comprar uma modesta casa em "San Joaquín de Carabobo" com os créditos do "IPSFA" e de Seguros Horizontes (...). Na segunda 27, começaram os protestos, o que não eram nada estranhos, visto que haviam se tornado nosso pão de cada dia (...) se podia perceber no ambiente algo como um rumor de um exército movendo-se sobre o campo de batalha. Eu não sabia a essas alturas. Nada se podia saber. (...). Aquele dia, ao povo rebelde, fez falta seu exército, seus soldados e seus fuzis(...) hoje, vinte anos depois, aqui estamos juntos, povo e soldados, construindo o caminho que começou então, fazendo o possível para a Venezuela Socialista. E agora, depois da grande vitória revolucionária do passado 15 de fevereiro, temos selado o nascimento do terceiro ciclo histórico da Revolução Socialista Bolivariana, que abarcará o período 2009-2019.[LIV] (tradução própria)

O primeiro fator de cunho revolucionário importante de elucidar é que os primeiros discursos presentes já apontam vestígios de incentivo ao processo de "Revolução Socialista" na fala de Chávez. Todavia, apontam um caráter muito mais "eleitoral", onde para atingir a Revolução, antes, o povo precise atingir o poder junto com ele, elegendo-o, é possível perceber um pouco da presença marxista nos ideais e nas falas. No primeiro discurso publicado no site, datado dia 22 de janeiro de 2009, Chávez já afirma com clareza de palavras que

> Não há outro caminho para chegar a independência venezuelana do que pela Revolução Nacional. Não há outro caminho para a grandeza da Pátria que este que a compreendido, do socialismo; nosso socialismo bolivariano: A Democracia Socialista! (...) E quero expressar isto em minhas linhas, sobre tudo agora, quando estamos em plena campanha rumo o referendo de 15 de fevereiro. (...) E ganhar o

> SIM, se vai impor a Pátria, a Independência, por isso repito a vocês, homens, mulheres, juventude venezuelana: Os que querem a pátria, venham comigo! [LV](tradução própria)

É possível perceber após a análise do trecho, que logo no primeiro discurso das *"Líneas De Chávez"* o presidente já aborda o processo de caminhada para as eleições, ou seja, dando a entender que ele seria a pessoa a guiar para esse processo. Para o presidente, a revolução nacional começaria em primeiro lugar nas urnas, onde além de prevalecer a vontade soberana do povo, seria derrotado o antigo governo vigente, por esse motivo, era imprescindível que no dia das eleições todos fossem votar.

Majoritariamente, os autores citados enfatizaram a importância das camadas populares na participação da população durante o processo Revolucionário para Chávez. A Revolução Bolivariana que enfim levaria ao socialismo e a chegada da democracia profunda, que causaria enfim a emancipação venezuelana, que será exposto mais à frente, só seria conquistada com forte participação popular, com presença massiva da classe trabalhadora. Esse é um ponto muito importante que se faz presente em praticamente todos os discursos Chavistas e que deve de fato ser elucidado, visto que para além de seu discurso, de preocupação com a participação popular, como foi visto anteriormente, suas ações governamentais tiveram enfoque nas necessidades populares.

Para ele, o povo deveria participar ativamente da construção da democracia e da conquista da liberdade do país, e, para além disso, deixa claro que só é possível a conquista com a classe operária. É possível perceber uma fala emblemática do presidente em um discurso em homenagem ao dia dos trabalhadores publicado no dia 3 de maio de 2009, onde ele brada,

> Não haverá Revolução sem a classe operária! Não podemos aprofundar a Revolução sem a classe operária! Não haverá socialismo sem a participação e protagonismo da classe operária (...). Um grande objetivo histórico segue pendente: converter a Venezuela em um país de leitoras e leitores; de leitoras e leitores ativos e críticos com sentido de pertencimento. E por isso, a criação do Plano Revolucionário de Leitura que já começou a estabelecer sua dinâmica criativa e libertadora por todo o território da pátria, desde seu lançamento em 25 de abril. [LVI](tradução própria).

É importante pontuar nesse discurso que Chávez lança o plano de leitura para a classe trabalhadora, com o objetivo de maior inserção social da população venezuelana através da leitura, para além de aproximar o povo das obras literárias, principalmente, gerar pensamento crítico na população, para assim aproximar as pessoas do debate político revolucionário. De acordo com a matéria lançada no El país, em maio de 2009, as bibliotecas venezuelanas foram equipadas com obras como "*El socialismo venezuelano y el partido que lo impulsará"*; "*¿Por qué soy chavista*?" e outros títulos que incentivavam o debate socialista do Século XXI e também sobre o pensamento de Che Guevara, a matéria aponta ainda que, ao anunciar o projeto, Chávez bradou "Ler, ler e ler, essa é a tarefa de todos os dias, ler para criar consciência" [LVII]

Outra parte que merece destaque é a expressão "Protagonismo da Classe operária", que não significa que o mesmo tenha proporcionado essa experiência, mas é possível observar que o termo se torna muito comum nos discursos Chavistas. Se seguir a linha Marxista de raciocínio de Chávez, e como ele mesmo aponta como referência em diversos discursos, Freire[LVIII] elucida que os oprimidos, e, nesse caso, entende-se os trabalhadores que foram durante tantos anos oprimidos pelo sistema neoliberal, não são apenas as melhores pessoas, mas são os únicos que juntos são capazes de lutar contra a opressão, após é claro, atingirem a consciência de que estão sendo oprimidos, e juntos, poderão lutar contra.[LIX]

A questão da Educação e da capacitação política popular é uma pauta muito presente nos discursos, o fomento à educação libertadora e política sempre esteve presente nos ideais Chavistas e promovidos pelo PSUV. Em seu discurso de 9 de agosto de 2009, além de promover o inventivo a educação, mostrou total repúdio a educação opressora se embasando na obra de Paulo Freire, e anunciando os quadros de formação política que o Partido deveria oferecer. Outro ponto importante é que nesse discurso o presidente ressalta mais de uma vez que o PSUV não é um partido qualquer, com funções comuns, e sim um partido feito para o povo, logo é de suma responsabilidade que a organização da "Revolução" parta dele. Aponta também que é de crucial importância a formação política de seus membros, pois a sociedade advém de uma educação burguesa, e sem a desconstrução política, é impossível prosseguir.

> Não haveria Revolução possível então se nós não nos formarmos; não só os quadros, mas sim o partido, o povo como um todo: o partido das massas que hoje constituímos, que deve ir mais adiante porque não é suficiente. Deve ser um partido das massas que gere seus próprios quadros de líderes, de ativadores, de formadores socialistas. Recordemos a premissa fundamenta de Gramsci, ponto de partida, jamais de chegada, de nossa organização política: um partido das massas: que acredita, que gere e produza quadros. **Vale o mesmo para a formação política, sem a qual a anterior será impossível: exigimos uma formação de quadros que que torne possível quebrar os paradigmas da educação burguesa, da dominação, da reprodução.** Recordemos a experiência a luz do modelo Robsoniano e de Freire, e este último, de Freire, tragamos a memória aquelas suas palavras que encabeçam a sua Pedagogia do Oprimido." [LX] (Tradução própria) (grifo meu)

A ideia de utilizar os vieses educacionais para romper com os paradigmas burgueses sociais mostra a preocupação que o presidente tinha em fazer com o que o povo participasse do processo, não só por apoio à figura presidencial, mas demonstra a preocupação com a evolução social e política do país. Nesse trecho, ele frisa que a formação política e o ensino de qualidade não devem ser restritos apenas ao partido, ou aos membros políticos, mas sim oferecidos a todo povo.

Nesse ponto, é possível observar que o presidente Chávez se aproxima muito do conceito sobredito, socialista revolucionário abordado por Lênin em Estado e Revolução, onde o trabalhador, para conseguir atingir o grau necessário para participar da Revolução, precisa antes de consciência de classe. Pode-se observar, neste discurso, o conjunto de falas e ações que expõe o pensamento do presidente acerca da crença sobre Revolução, em que mesmo sem ter chegado a concluir uma, galgou passos significativos no país.

Na obra já abordada de Pasquino, o autor apresenta que "A depressão econômica unida às raízes de uma diminuição de legitimidade e de uma crise de representatividade constitui, até hoje, o melhor veículo da Revolução"[LXI] e é possível observar que ao longo dos discursos Chávez apresenta diversas vezes a premissa de que a crise do capitalismo mundial, que eclodiu principalmente em 2009, seria o "combustível" para a Revolução socialista Bolivariana. Em um discurso nomeado *"Venezuela la contracrisis"*[LXII] em 23 de março de 2009, o presidente afirma que "Quanto mais perfeita a crise que padece o capitalismo, mais segura e perfeita será a via do socialismo venezuelano em direção à independência e à grandeza da pátria." (Tradução minha). Ainda nesse discurso, o presidente faz importantes ponderações acerca da crise mundial, segundo ele provinda dos Estados Unidos, e como a Venezuela reagiria e se utilizaria do fenômeno para o projeto revolucionário:

> Esta é sem dúvida a dramática realidade que hoje sacode o mundo ante qual nosso Governo Bolivariano, não pode ficar de braços cruzados, para salvaguardar as grandes conquistas sociais alcançadas e consolidar a Revolução Bolivariana em via

> de aprofundá-la. É essa a mesma realidade da crise perfeita, assim é conhecida pois passa as fronteiras estadunidenses e afeta toda a economia global, e é colocado em nossa responsabilidade tomar decisões concretas e radicais sem esquecer o sagrado compromisso que nos une ao nosso povo y em especial as grandes maiorias (...). Desde sempre venho afirmando: estamos de frente para um parto em que nossa Revolução Bolivariana, o novo, não termina de nascer, e vejo o capitalismo fundado em um sistema perverso e desigual por essência, não termina de morrer. De modo que, ainda observando mais o panorama internacional, estamos a portas de uma crise orgânica onde a hegemonia do capitalismo, começa também a sentir os efeitos de seu real e cada vez mais segura impotência para exercer seu domínio totalitário, o que o torna consciente de ser um simples tigre de papel, daí sua periculosidade. **Ai também, a grande oportunidade para o povo da Venezuela de crescermos perante esta crise perfeita, a consciência de que somos o povo das dificuldades.** [LXIII](Grifo meu) (tradução própria)

Logo, é possível perceber que, por mais que ele se lamente pela crise, pois também afetava a Venezuela e diversos países vizinhos latinos, para Chávez, que partilhava muito da linha de pensamento marxista e chega até a citar algumas vezes o Manifesto Comunista de 1848, a crise do sistema capitalista vigente, somada à mobilização das massas, como já citado anteriormente, já conscientes, é a única via para a conquista do socialismo, da democracia plena, e de certa forma da emancipação venezuelana, pois segundo ele a oposição acreditaria que os esforços do governo seriam para beneficiar os grupos privilegiados, porém o governo irá optar por investir no povo.

Na grande maioria dos discursos que circundam o ano de 2009, lembrando que foi o ano que se iniciou com eleição e que o presidente fez diversas viagens diplomáticas para tratar de questões energéticas, o término dos textos são sempre palavras de ordem exaltando Bolívar, a Venezuela, o ideal de Revolução e Socialismo, inclusive assegurando que a conquista do Socialismo seria garantida nem que para isso tivesse que ser sacrificado a vida. Neste mesmo discurso citado acima, o presidente termina com as seguintes palavras: *"¡¡Patria, Socialismo o Muerte!! ¡Venceremos!"*[LXIV]. Que pode sim por muitos momentos se remeter ao seu histórico militar, mas por outro lado à constante ideia de manter viva a memória, a identidade histórica e o quanto era importante que o povo lutasse ao seu lado pela pátria.

> Temos na história, grandes exemplos que devem nos servir de referência objetiva. A comuna de Paris, a experiência das comunas agrárias na China, os comuneiros indígenas venezuelanos, colombianos e paraguaios, modelos que oferecem chavez para que nós façamos agora o nosso trabalho sendo originais, como argumentei o Maestro socialista da América, Simón Rodríguez, que por igual propunha uma original Independência para nossa América. Porém, algo é certo, e Lenin diz em um breve artigo chamado Em memória da Comuna "A Causa da Comuna é a causa da revolução social, a casa da completa emancipação política e econômica dos trabalhadores, é a casa do proletariado mundial. E nesse sentido é imortal. " Comuneiras e Comuneiros bolivarianos e socialistas: continuemos despejando " A misteriosa incógnita" Com Cristo, Com Bolívar, Com Fidel: Venceremos! [LXV](Tradução própria)

Uma questão muito importante, que é possível de encontrar nesse discurso de Junho de 2009, intitulado *"Bolívar y la Misteriosa Incógnita"*, entra em praticamente comunhão quando Chávez fala sobre Revolução, é democracia e independência, a ideia de que apenas com a Revolução com a participação popular a Venezuela conquistaria plenamente a emancipação social e econômica, se desvinculando das amarras e da dependência de outros países, logo, ele também via o processo revolucionário como um ponto de partida novo da história do país, como

cita Arendt (1965), "O conceito moderno de revolução, indissociavelmente ligado à ideia de que o curso da história de repente se inicia de novo".[LXVI]

E essa questão também se estende para a democracia, visto que a ideia da conquista de um país livre, de democracia profunda, autônomo dos vínculos que impedem a pátria de progredir, só podem ser superados, na visão de Chávez, com o novo socialismo do século XXI, ou seja, a ideia presente da superação de um sistema, que só pode ser alcançado através da Revolução e que, quando conquistada, será um novo começo na história do país, tanto político, quanto socioeconômico, como aponta esse discurso de 10 de fevereiro de 2009 intitulado *"Construyendo Dignidad"*[LXVII]*:*

> Lá em cima, em "La Bombilla" foi a assembleia. Iniciamos o programa de apoio aos Conselhos Comunais, aos Bancos Comunais, as Mesas Técnicas, quer dizer, ao Poder popular. É a Missão, 13 de abril!! A meta para 2009 chega a mais de quatro mil milhões de BsF (cifra equivalente a dois milhões de dólares). Neste caso, entregamos cerca de duzentos milhões de BsF aos Conselhos Comunais, isso apenas para a situação dos ranchos e a reabilitação de milhares de vivendas! **A revolução, como dizia Kléber Ramírez, deve produzir dignidade, ademais de ciência e alimentos, com esse fim nasceram as missões socialistas. Isto jamais se havia visto em Venezuela, até a chegada da Revolução.** [LXVIII](grifo meu) (tradução própria)

Ainda que sem as autocríticas necessárias, pois como bem aponta Lander[LXIX], o nível de dependência que os movimentos sociais geraram de Chávez, pelos investimentos, fizeram com que criassem uma certa dificuldade de posteriormente se manterem sozinhos, ou seja, não geraram autonomia necessária, é possível perceber, como já citado anteriormente, e Chávez faz questão de abordar nos discursos, as conquistas que foram possíveis com a revolução bolivariana, além de propostas para o futuro do país.

Considerações finais

Tal como pontuou Karl Marx, ao afirmar que "As revoluções são a locomotiva da história."[LXX], no intuito de ponderar que apenas o processo revolucionário sob o comando popular seria capaz de mudar os paradigmas sociais e movimentar as estagnações das injustiças sociais, então, se as revoluções são as locomotivas, "o combustível que move o maquinário é composto de sangue e suor dos que percebem que podem modificar sua trajetória."[LXXI] É inegável então a importância do reconhecimento dos processos revolucionários para alavancar as mudanças sociais, e ainda que o processo não seja concluído, a movimentação no consciente social e toda movimentação que incentive o povo é necessária.

Dessa forma, é possível apontar que a história recente da Venezuela passou por diversos momentos marcantes, todavia os conflitos e as contradições, os avanços e retrocessos venezuelanos dos últimos 30 anos guardam altos e baixos que merecem a atenção crucial, das rebeliões do Caracazo que marcaram um período de forte participação popular, passando pela inserção das medidas neoliberais que até certo ponto corroboraram para o desgaste da população e estiveram presentes na eleição de Chávez, até a Venezuela hoje, demarcam a intensa história de lutas e presença popular após anos de demarcação de um povo afastado da política pelo desgaste do *puntofijismo*.

Uma forma muito interessante de olhar esse cenário é pela visão de uma das figuras mais emblemáticas que recentemente estiveram à frente do país. Entender os objetivos de Hugo Chávez para Venezuela através da análise do discurso é ter uma ideia dos planos que o mesmo pretendia traçar para a sociedade e entender a ligação que o presidente tinha com o povo, e

como essa relação foi construída através das palavras e das políticas públicas de cunho social, e que seus interesses internos eram levar até o fim o ideal da Revolução Bolivariana, e demonstrava isso em suas falas, constantemente reforçando esse ideal, como foi apontado anteriormente, mas também reforçando as realizações que o intitulado "Governo Bolivariano" fez na prática, em prol da população, e do país : "Apenas a Revolução Bolivariana pode levar o fornecimento de água potável em menos de dez anos a mais de 90% da população venezuelana"[LXXII] (tradução minha). Ou até mesmo, quando Chávez, orgulhosamente, aborda sua política econômica, ao falar sobre como o mundo estava em crise por conta dos Estados Unidos, mas na Venezuela, a Revolução Bolivariana, estava contornando o desemprego:

> Entretanto, na nossa Venezuela, e graças à política económica que a Revolução Boliviana tem vindo a aplicar nos últimos anos, o desemprego continua a diminuir, em meio a esta gigantesca crise mundial, que, segundo diz o próprio Presidente dos Estados Unidos, tem se aproximado a níveis catastóficos.[LXXIII] (tradução própria)

Dessa forma, o debate acerca da conceituação de Revolução e do processo Revolucionário, adentrando em alguns dos principais nomes da temática, e não só por ser uma temática cara para Chávez, mas por ser algo que o mesmo tentou implantar durante seu tempo de poder, pois como abordado anteriormente, o Ex-presidente possuía objetivos políticos, sociais e democráticos, que segundo o mesmo só poderiam ser conquistados através do processo revolucionário, se torna de suma importância, assim como compreender e debater para além de sua visão política narrada através de seus discursos, o conceito mais aprofundado do termo, e as vertentes que perduram.

Logo, foi possível traçar uma breve análise sob discursos deixados pelo presidente e conseguir delimitar alguns de seus objetivos centrais e suas perspectivas ideológicas, assim como sua concepção para temáticas sociais. Foi possível também obter resultados, utilizando ferramentas de análise de discurso e aprofundamento da historiografia venezuelana. As discussões abertas, não muitas vezes irão responder todas as perguntas, pois como bem sentenciou Bloch, "A história é ciência dos homens, ou melhor, dos homens no tempo"[LXXIV], e ainda existem muitos enigmas, embates políticos e disputas que perpassam a história da Venezuela, todavia acredita-se que as análises feitas possam de alguma forma contribuir para uma melhor elucidação da história do tempo presente venezuelana.

Notas

[I] Graduanda de História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, membro do Laboratório de Estudos de Imigração da UERJ (LABIMI), e bolsista do projeto Ideias Políticas e História do Tempo Presente da América Latina entre 1998 e 2020: uma comparação entre Bolívia, Equador e Venezuela.
[II] Idem
[III] HARVEY, David. **O Neoliberalismo História e implicações**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011, p. 12.
[IV] HARVEY, David. **O Neoliberalismo História e implicações**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011, p. 17, grifo próprio.
[V] Idem, p. 17
[VI] Idem, p. 18
[VII] BULMER-THOMAS. **La História Económica de América Latina desde la independência.** Ciudad de México, Fondo de Cultura Económica, 2017.
[VIII] BORON, Atílio A. **Estado, capitalismo y democracia en América Latina.** Buenos Aires, CLACSO, 1ª Edição. 2004. Introdução.
[IX] CUT. **Apagão no Amapá é culpa de empresa privada, mas conserto é feito pela Eletrobras**. Disponível em: https://www.cut.org.br/noticias/apagao-no-amapa-e-culpa-de-empresa-privada-mas-conserto-e-feito-pela-eletrobras-4fce. Acesso em: 8 nov. 2020.

[X] MARTINS, Carlos Eduardo. Capítulo 7: Dependência, Neoliberalismo e novos padrões de desenvolvimento na América Latina in **Globalização, Dependência e Neoliberalismo na América Latina.**. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011, p. 313,314.
[XI] Idem, p. 313
[XII] BORON, Atílio A. **Estado, capitalismo y democracia en América Latina.** Buenos Aires, CLACSO, 1ª Edição. 2003, p. 17.
[XIII] MAYA, Margarita López. Capítulo 3: **El Caracazo.** In: Del viernes negro al referendo revocatorio. 2. ed. p.61-83. Caracas, Alfadil Ediciones, 2006, p 61.
[XIV] Idem. 66.
[XVXV] Idem, p. 80.
[XVI] Ministério del Poder Popular para la Comunicación e Información: 27 de Febrero de 1989: Rebelión del Pueblo en de las polítcas neoliberales. Disponível em: http://www.minci.gob.ve/efemerides-27-de-febrero-de-1989-rebelion-del-pueblo-en-contra-de-las-politicas-neoliberales/ Acessado em: Ago/21
[XVII] ARAUJO, R. P.; SCHUSTER, K. **. A Era Chávez e a Venezuela no Tempo Presente**. 1. ed. Rio de Janeiro: Autografia/Edupe, 2015.
[XVIII] Idem, p. 17.
[XIX] ARAUJO, Rafael. **A história do Tempo Presente venezuelana de 1950 ao século XXI**. Olinda: Livro Rápido, 2009, p. 72,74.
[XX] Idem, p. 87
[XXI] ARAUJO, R. P.; SCHUSTER, K. **. A Era Chávez e a Venezuela no Tempo Presente**. 1. ed. Rio de Janeiro: Autografia/Edupe, 2015
[XXII] ARAUJO, R. P.; SCHUSTER, K. **. A Era Chávez e a Venezuela no Tempo Presente**. 1. ed. Rio de Janeiro: Autografia/Edupe, 2015 p.16.
[XXIII] LANDER, Edgardo. **Venezuela: a experiência bolivariana na luta para transcender o capitalismo.** Disponível em: https://movimentorevista.com.br/2017/11/venezuela-bolivarianismo-chavez-maduro-socialismo-capitalismo/ Acesso em: 30/11/2020.
[XXIV] GOLINGER, Eva. **El Código Chávez**: Descifrando la intervención de Estados Unidos en Venezuela. Editorial de Ciencias Sociales, Havana, 2005, p. 39-46.
[XXV] ESTADÃO. **Navio brasileiro chega com gasolina à Venezuela**. Disponível em: https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,navio-brasileiro-chega-com-gasolina-a-venezuela,20021228p51680. Acesso em: fev. 2021.
[XXVI] ARAUJO, R. P.; SCHUSTER, K. **. A Era Chávez e a Venezuela no Tempo Presente**. 1. ed. Rio de Janeiro: Autografia/Edupe, 2015. P. 17
[XXVII] idem
[XXVIII] Idem, p. 30, 31
[XXIX] Idem nota 17.
[XXX] CEPAL. Anuario Estadístico de América Latina y el Caribe, Santiago, 2013 p. 61/62
[XXXI] Instituto Nacional de Estatísticas, Índice de Desenvolvimento Humano. Disponível em: <http://www.ine.gov.ve/documentos/Social/IndicedeDesarrolloHumano/pdf/Desarrollo_Humano.pdf>.
[XXXII] CHARAUDEAU, Patrick. **O discurso Político**. IN: Análise do discurso: Gêneros, Comunicação e sociedade. 10. ed. Minas Gerais: Fale/UFMG, 2006. p. 251-268, p. 253
[XXXIII] Idem, p. 253
[XXXIVXXXIV] Idem, p. 262
[XXXV] Idem, 263
[XXXVI] MORALES-LÓPEZ, Esperanza. **HACIA DÓNDE VA EL ANÁLISIS DEL DISCURSO.** TONOS, FACULTAD DE LETRAS DE MURCIA, n. 21, Jul/2011. Disponível em: https://www.um.es/tonosdigital/znum21/secciones/estudios-21-discurso.htm. Acesso em: 13 nov. 2020.
[XXXVII] MAINGUENEAU, Dominique. ***Análise dos discursos: A questão dos fundamentos***. Cad. Est. Ling. Campinas, Campinas, v. 19, p. 65-74, Jul/dez/1990. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636826/4547 Acesso em: 11 nov. 2020.
[XXXVIII] Idem, p. 66,67
[XXXIX] MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e Análise do Discurso**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2015.
[XL] Idem, p. 30,31.
[XLI] Idem, p. 31,32.
[XLII] CHARAUDEAU, Patrick. **Reflexiones para el análisis del discurso populista**. Discurso & Sociedad, local não indicado, v. 3, n. 2, p. 253-279, jan./2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277258973_Reflexiones_para_el_analisis_del_discurso_populista. Acesso em: 13/11/2020.

[XLIII] Idem, p 257
[XLIV] Quando os sujeitos que falam são atores políticos, se observa que o termo populista é empregado tanto pela direita, quanto pela esquerda para criar um estigma com o partido contrário ou para se defender da estigmatização sofrida. Muitas vezes para a direita e para a esquerda é populista porque manipula as classes médias e populares (pouco politizadas) com discursos que buscam gerar a emoção mais primitiva (o medo). **Dito de outro modo, em ambos os casos, o populista é o outro, que para se expressar emprega uma retórica simplista e existencialista.** (grifo meu) (tradução própria)

[XLV] ARENDT, Hanna. **Sobre a Revolução.** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
[XLVI] PASQUINO, G. **Revolução.** In: BOBBIO, N., MATTEUCCI, N. & PASQUINO, G. *Dicionário de Política*. Trad. João Ferreira. 11.ed. v. I e II. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998. P. 1221.
[XLVII] Idem
[XLVIII] BARBÉ, Carlos**, Golpe de Estado**. In: BOBBIO, N., MATTEUCCI, N. & PASQUINO, G. *Dicionário de Política*. Trad. João Ferreira. 11.ed. v. I e II. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.
[XLIX] Idem
[L] LÊNIN, V.I. **O Estado e a Revolução**. 1. ed. Campinas: Navegando Publicações, 2011. P.54
[LI] Idem, p. 60
[LII] Idem, p. 63
[LIII] ARENDT, Hanna. **Sobre a Revolução.** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. P. 52
[LIV] CHÁVEZ, Hugo, **27F: El Parto Revolucionário**. Disponível em: http://www.psuv.org.ve/opiniones/lineas-chavez/27f-parto-revolucionario/#.YNTmwGhKjIU Março/2009. Acesso em: 13 nov. 2020.
[LV] CHÁVEZ, Hugo, **Las Líneas de Chávez**. Disponível em: http://www.psuv.org.ve/opiniones/lineas-chavez/lineas-chavez/#.X7vS9c1KjIU. Jan/2009. Acesso em: 13 nov. 2020.
[LVI] CHÁVEZ, Hugo, **¡Cruz de Mayo, Cruz de Cristo!**. Disponível em: http://www.psuv.org.ve/opiniones/lineas-chavez/cruz-mayo-cruz-cristo/#.X7vTb81KjIU. Maio/2009. Acesso em: 13 nov. 2020.
[LVII] EL PAÍS. Chávez lanza su revolucíon cultural. Disponível em: https://elpais.com/diario/2009/05/14/internacional/1242252001_850215.html acessado em: nov/2020.
[LVIII] FREIRE, Paulo, **Pedagogia do Oprimido**, 1ª ed. Rio de Janeio: Paz e Terra, 2013.
[LIX] idem
[LX] CHÁVEZ, Hugo, **¡Colombia, Colombia!** Disponível em: http://www.psuv.org.ve/opiniones/lineas-chavez/lineas-chavez-colombia-colombia/#.YFZHAJ1KjIV Ago/2009. Acesso em: 13 nov. 2020.
[LXI] PASQUINO, G. **Revolução.** In: BOBBIO, N., MATTEUCCI, N. & PASQUINO, G. *Dicionário de Política*. Trad. João Ferreira. 11.ed. v. I e II. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998. P. 1229.

[LXII] CHÁVEZ, Hugo, **Venezuela La contracrisis**. Disponível em: http://www.psuv.org.ve/opiniones/lineas-chavez/venezuela-contracrisis/#.X7vTzM1KjIU. Março/2009. Acesso em: 13 nov. 2020.

[LXIII] CHÁVEZ, Hugo, **Venezuela La contracrisis**. Disponível em: http://www.psuv.org.ve/opiniones/lineas-chavez/venezuela-contracrisis/#.X7vTzM1KjIU. Março/2009. Acesso em: 13 nov. 2020.
[LXIV] idem
[LXV] CHÁVEZ, Hugo, **Bolívar y "la Misteriosa Incógnita".** Disponível em: http://www.psuv.org.ve/opiniones/lineas-chavez/bolivar-misteriosa-incognita/#.YNUey2hKjIU Jun/2009. Acesso em: 13 nov. 2020.
[LXVI] ARENDT, Hanna. **Sobre a Revolução.** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.p. 56
[LXVII] CHÁVEZ, Hugo, **Construyendo Dignidad**. Disponível em: http://www.psuv.org.ve/opiniones/lineas-chavez/construyendo-dignidad/#.YNUU4mhKjIU Fev/2009. Acesso em: 13 nov. 2020.

[LXVIII] CHÁVEZ, Hugo, **Construyendo Dignidad**. Disponível em: http://www.psuv.org.ve/opiniones/lineas-chavez/construyendo-dignidad/#.YNUU4mhKjIU Fev/2009. Acesso em: 13 nov. 2020.
[LXIX] [LXIX] LANDER, Edgardo. **Venezuela: a experiência bolivariana na luta para transcender o capitalismo.** Disponível em: https://movimentorevista.com.br/2017/11/venezuela-bolivarianismo-chavez-maduro-socialismo-capitalismo/ Acesso em: 30/11/2020.
[LXX] MARX, Karl (1818-1883) " **As lutas de classes na França de 1848-1850** / tradução: Nélio Schneider - 1 ed - São Paulo : Boitempo, 2012. P. 132
[LXXI] SEVERO, Monica Fonseca Wexell. **Marx pensador da Revolução**. 2010. 122 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2010. n/p

[LXXII] CHÁVEZ, Hugo**, Desde la primera línea**. Caracas: Correo del Orinoco - Coleccíon Tilde, 2011 p. 51

[LXXIII] CHÁVEZ, Hugo**, Desde la primera línea**. Caracas: Correo del Orinoco - Coleccíon Tilde, 2011 p. 33
[LXXIV] BLOCH, Marc**, Introdução à História**, Lisboa, E. A. , 1976 p. 28

Referências

ARAUJO, R. P.; SCHUSTER, K. **. A Era Chávez e a Venezuela no Tempo Presente**. 1. ed. Rio de Janeiro: Autografia/Edupe, 2015.

ARAUJO, Rafael. **A história do Tempo Presente venezuelana de 1950 ao século XXI**. Olinda: Livro Rápido, 2009.

ARENDT, Hanna. **Sobre a Revolução.** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BARBÉ, Carlos**, Golpe de Estado**. In: BOBBIO, N., MATTEUCCI, N. & PASQUINO, G. *Dicionário de Política*. Trad. João Ferreira. 11.ed. v. I e II. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

BLOCH, Marc**, Introdução à História**, Lisboa, E. A. , 1976

BORON, Atílio A. **Estado, capitalismo y democracia en América Latina.** Buenos Aires, CLACSO, 1ª Edição. 2003

CHARAUDEAU, Patrick. **O discurso Político**. IN: Análise do discurso: Gêneros, Comunicação e sociedade. 10. ed. Minas Gerais: Fale/UFMG, 2006. p. 251-268.

CHARAUDEAU, Patrick. **Reflexiones para el análisis del discurso populista**. Discurso & Sociedad, local não indicado, v. 3, n. 2, p. 253-279, jan./2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277258973_Reflexiones_para_el_analisis_del_discurso_populista. Acesso em: 13/11/2020.

CHÁVEZ, Hugo, **¡Colombia, Colombia!** Disponível em: http://www.psuv.org.ve/opiniones/lineas-chavez/lineas-chavez-colombia-colombia/#.YFZHAJ1KjIV Ago/2009. Acesso em: 13 nov. 2020.

CHÁVEZ, Hugo, **¡Cruz de Mayo, Cruz de Cristo!**. Disponível em: http://www.psuv.org.ve/opiniones/lineas-chavez/cruz-mayo-cruz-cristo/#.X7vTb81KjIU. Maio/2009. Acesso em: 13 nov. 2020.

CHÁVEZ, Hugo, **27F: El Parto Revolucionário**. Disponível em: http://www.psuv.org.ve/opiniones/lineas-chavez/27f-parto-revolucionario/#.YNTmwGhKjIU Março/2009. Acesso em: 13 nov. 2020.

CHÁVEZ, Hugo, **Bolívar y "la Misteriosa Incógnita".** Disponível em: http://www.psuv.org.ve/opiniones/lineas-chavez/bolivar-misteriosa-incognita/#.YNUey2hKjIU Jun/2009. Acesso em: 13 nov. 2020.

CHÁVEZ, Hugo, **Construyendo Dignidad**. Disponível em: http://www.psuv.org.ve/opiniones/lineas-chavez/construyendo-dignidad/#.YNUU4mhKjIU Fev/2009. Acesso em: 13 nov. 2020.

CHÁVEZ, Hugo**, Desde la primera línea**. Caracas: Correo del Orinoco - Coleccíon Tilde, 2011

CHÁVEZ, Hugo, **Las Líneas de Chávez**. Disponível em: http://www.psuv.org.ve/opiniones/lineas-chavez/lineas-chavez/#.X7vS9c1KjIU. Jan/2009. Acesso em: 13 nov. 2020.

CHÁVEZ, Hugo, **Venezuela La contracrisis**. Disponível em: http://www.psuv.org.ve/opiniones/lineas-chavez/venezuela-contracrisis/#.X7vTzM1KjIU. Março/2009. Acesso em: 13 nov. 2020.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia do Oprimido**, 1ª ed. Rio de Janeio: Paz e Terra, 2013.

HARVEY, David. **O Neoliberalismo História e implicações**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

LANDER, Edgardo. **Venezuela: a experiência bolivariana na luta para transcender o capitalismo.** Disponível em: https://movimentorevista.com.br/2017/11/venezuela-bolivarianismo-chavez-maduro-socialismo-capitalismo/ Acesso em: 30/11/2020.

LÊNIN, V.I. **O Estado e a Revolução**. 1. ed. Campinas: Navegando Publicações, 2011. Acesso em: 11 nov. 2020.

MAINGUENEAU, Dominique. ***Análise dos discursos: A questão dos fundamentos***. Cad. Est. Ling. Campinas, Campinas, v. 19, p. 65-74, Jul/dez/1990. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636826/4547

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e Análise do Discurso**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2015.

MARTINS, Carlos Eduardo. Capítulo 7: Dependência, Neoliberalismo e novos padrões de desenvolvimento na América Latina in **Globalização, Dependência e Neoliberalismo na América Latina.**. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

MARX, Karl (1818-1883) " **As lutas de classes na França de 1848-1850** / tradução: Nélio Schneider - 1 ed - São Paulo : Boitempo, 2012

MAYA, Margarita López. Capítulo 3: **El Caracazo.** In: Del viernes negro al referendo revocatorio. 2. ed. p.61-83. Caracas, Alfadil Ediciones, 2006.

MORALES-LÓPEZ, Esperanza. **HACIA DÓNDE VA EL ANÁLISIS DEL DISCURSO.** TONOS, FACULTAD DE LETRAS DE MURCIA, n. 21, Jul/2011. Disponível em: https://www.um.es/tonosdigital/znum21/secciones/estudios-21-discurso.htm. Acesso em: 13 nov. 2020.

PASQUINO, G. **Revolução.** In: BOBBIO, N., MATTEUCCI, N. & PASQUINO, G. *Dicionário de Política*. Trad. João Ferreira. 11.ed. v. I e II. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

SEVERO, Monica Fonseca Wexell. **Marx pensador da Revolução**. 2010. 122 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2010